

Euclides da Cunha (Fragmento de Conferência)

Pelo GENERAL RONDON

(O extraordinário índio brasileiro saúda o seu irmão racial).

Bem estranho há de parecer a muitos que um sertanista quase alheio ao manéjo cotidiano das louçanias e gracilidades da vida esplêndida de um grande centro civilizado, se tenha decidido a arrostar as dificuldades e os perigos de uma cátedra e conferenciaria.

Acreditaram, quem sabe? os que encontram a explicação de caso tão novo na imprevidência que se há de esperar de quem, por dever de ofício, se acha de há muito acostumado com a idéia de ter de afrontar todos os riscos e lançar-se a todas as aventuras.

Vêde, entanto, quanto a verdade se distancia das aparências: não foi minha a decisão de que nesta hora vos dirigirei a palavra, nem eu o faço sem vos lastimar pela decepção que ides sofrer.

Porque vos foi dito pela voz da FAMA que hoje teríeis aqui uma conferência, quando na verdade vereis que apenas tenho para vos dar umas notas esparsas, e bem descosidas, de alguns dos aspectos sociais, políticos e mentais que rodearam a formação do espírito e do caráter de Euclides da Cunha, e um punhado de saudades para derramar sobre o seu túmulo.

De tamanha pobreza é legítimo que vos queixeis, mas ainda assim estou que me não regatearei as flôres da vossa boa vontade e simpatia pela consideração de que, se dou pouco, é porque mais não tenho, pois que tudo que era meu passa a ser vosso.

Até certo ponto, parece justo que, depois de sobre o mérito ou obra literária de Euclides se haver recolhido o depoimento dos que para isso receberam a necessária investidura do talento e da competência, fôssem chamados a dizer sobre os seus menores gestos e a modestas circunstâncias de sua vida os que o conheceram, quando ele ainda se preparava para a ascensão, em que receberia o ósculo da glória e o galardão da imortalidade.

Membros do Grêmio consagrado a perpetuar tão insigne memória, e meus amigos, entenderam de me distinguir com a designação para iniciar esta nova fase das comemorações Euclideanas. Com certeza, obraram eles sob o império de uma instintiva impulsão, que os inclinava a procurar uma prova objetiva de que a memória de Euclides vive por si mesma na alma de seus admiradores, e não pelo valor e beleza das efusões que anualmente lhe dedicam os mais brilhantes espíritos dos nossos dias.

Enquanto não consegui penetrar o recôndito sentido da inspiração, que assim movia aqueles meus amigos, resisti-lhes; mas, por fim, abriram-se-me os olhos, rendi-me; e eis-me aqui, diante de vós, — cumprindo a missão que neste passo me coube de provar como o culto à memória de Euclides, entre vós se mantém pelo calor e brilho de uma palavra evocativa de fortes emoções, brotadas do seio de fulgurantes arroubos de grandiloquentes discursos.

Evoco, pois, as imagens queridas dos acontecimentos gloriosos e das figuras veneráveis, que no mais íntimo recessos do meu ser vivem em discreta vigília, sempre atentas ao chamado da saudade nos escassos

momentos em que me é dado refugiar-me dentro de mim mesmo e retemperar a minha alma ao calor de belos sonhos já vividos. E assim começa a desfilar diante de meus olhos aquele trecho de minha vida que transcorreu de 1.886 a 1.889, e do meio de muitas sombras indecisas, já quase apagadas, destacam-se os perfis de contornos exuberantes, que palpitam e movem-se como seres eternamente vivos e ternos engendradores de altos pensamentos de entusiasmo, fecundadores imortais de almas sequiosas de se devotarem ao amor e ao serviço de grandes e generosos ideais.

Foi nesse tempo, e foi ali, ao sopé de duas penedias, que se levantavam, como testemunhas das portentosas forças que brotam do solo sagrado de nossa Pátria, tendo à vista o exemplo da rebeldia indomável das vagas que, incessantes, renovam os assaltos contra a praia, em que se quebram...

Foi ali que os moços militares da geração de Euclides sorveram, a plenos haustos, as inspirações do Futuro, que vinham das profundezas de uma grande alma, como as ondas

vinham do seio do oceano que se perde para além das brumas esbatidas do longínquo horizonte.

É a figura de Benjamin Constant, a personificação acabada de todas as grandezas que podem embelezar o coração e a alma de um homem eminente, que domina o cenário e dá ao tempo a sua feição cavalleiresca e heróica.

Euclides da Cunha recebeu a impressão fortíssima desse momento indelével da nossa história, ele viveu nesse meio em que, ao fogo de vasta instrução científico-filosófica, forjaram-se os espíritos de alta ténpera da geração militar que teria de presidir à transição do antigo Exército semicolonial, do nosso desajeitado regime imperial, para o Exército republicano, consciente da sua missão social e política, que se vem formando agora sob os nossos olhos.

Vivíamos a quadra feliz em que a alma se alimenta de sonhos generosos, e se os tem bem formosos, nada mais exige para transbordar em movimentos exuberantes de entusiasmos.

Combatíamos pela liberdade de concidadãos que víamos dentro de sua própria Pátria, que também ert nossa, curvados ao peso de nefanda instituição, que os entregava acorrentados aos caprichos e à ganância de outros homens. A inominável injustiça e odiosa opressão já tinham contra si levantada a consciência inteira da Nação, que, por miríades de vozes, lançava o seu protesto em clamor, que vinha do passado, ia crescendo, enchendo, dentro em breve, o espa-

ço e, por fim, venceria e quebraria as vontades que lhe vinham opondo, até transformar-se em formidável brado de vitória e de glorificação.

Mas, a alma da mocidade, uma vez posta em vibração, não se deteria mais na ascensão para o ideal que se havia pre-traçado; já agora se desaraigaria do solo da Pátria o velho tronco, cuja sombra fizera, por tanto tempo, jazer entorpecida a alma do povo brasileiro.